

SUPERAÇÃO

15/8/54

Primeiro eles ficaram pálidos, trêmulos, calados. A coisa fora mal feita, horrivelmente mal feita. O homem que devia morrer estava ali vivo, forte, cada vez mais destemido, trovejando acusações. E o homem que morrera — esse homem discreto, que vivia para sua carreira e sua família — que alto, que violento clamor se erguera de seu corpo inanimado, de seu sangue coagulando na sargeta!

Primeiro eles ficaram pálidos, trêmulos, calados. Depois eles começaram a sussurrar avisos de fuga, a balbuciar frases feitas de evasivas. Houve um instante em que o chefe deles todos, aquele que deveria ser o presidente de todos os brasileiros e acabou sendo apenas o "big shot" de uma quadrilha de assassinos, guitarristas e falcatruzeiros — houve um momento em que ele também se fechou em silêncio. Era como um boneco jogado numa tormenta. Mas esse boneco era um joão-teimoso de borracha, preso pelos pés, com chumbo, ao assoalho do Catete — voltando sempre a ficar de pé, não pelo apurmo da espinha dorsal, mas pela força da gravidade de seu próprio egoísmo, de sua própria mesquinha.

Primeiro eles ficaram calados. Mas depois o chefe tomou coragem e falou: a oposição estava "falseando os fatos", ele agiria contra os provocadores da desordem e da corrupção... essas coisas que o chefe sempre falou, nestes últimos 24 anos. Coisas muito gastas e que pareciam se voltar contra o próprio chefe, contra eles mesmos.

Foi então que eles descobriram a palavra essencial, a palavra mágica, a palavra que resolve tudo: a crise foi... superada. Aqui e ali, baixinho a princípio, com um ar imbuercial, depois mais alto, depois em entrevistas, em artigos, em manchetes, apareceu a palavra: superada.

Sou um homem humilde; fui ao dicionário. Superar quer dizer "vencer, domar, destruir, remover, passar além de, sobrelevar-se". Superar quer dizer: "passar por cima de". Por cima de quem eles já passaram? Da crise. Mas porque existe essa crise, que fato concreto a criou? Dois homens feridos e um morto. Superar a crise é passar por cima do corpo desse morto, é deixá-lo para trás, é esquecê-lo.

Ainda é um pouco cedo para isso. Só agora se começa a saber quem matou: é preciso apurar também quem mandou matar; é preciso punir quem matou e quem mandou matar. Então sim, poderemos deixar o corpo da vítima no sossêgo de sua campa, porque se fez justiça. Antes disso não há nada superado; antes disso estamos e estaremos no centro da mais grave crise que um povo pode atravessar: a crise de impunidade do assassinio oficial. Superar essa crise é punir os assassinos, todos os assassinos. Antes disso, "superar" é, apenas, se acumpliciar. — R. B.

128